



*Greenspan explica a situação mundial: tranquilidade nos Estados Unidos, recuperação no Sudeste Asiático e incerteza no Brasil e na Rússia*

# Greenspan faz mais pressão por ajuste

Daniela Mendes  
Correspondente

**Nova York** — Considerado o oráculo do mercado financeiro mundial, Alan Greenspan, o poderoso presidente do Fed (Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos), fez ontem um alerta ao Brasil: “As autoridades brasileiras têm de percorrer um caminho difícil, muito estreito, para restaurar a confiança e manter a inflação sob controle com a política monetária, enquanto lidam com sérios desequilíbrios fiscais”. A observação faz parte das pressões externas para que o Brasil faça o mais rápido possível o ajuste de suas contas.

Em algumas palavras, Greenspan resumiu os desafios colocados para o Brasil e deixou claro que cabe ao país encaminhar as soluções para os seus problemas. Em depoimento à Comissão de Bancos do Senado ontem pela manhã, o presidente do Fed dis-

se ainda que a situação econômica brasileira permanece incerta, porém a possibilidade de que ela contagie outros países parece limitada.

Todo início de ano, o presidente do Fed presta depoimento ao Congresso no qual faz uma avaliação da economia norte-americana. Ontem foi no Senado, hoje será na Câmara. Ao falar sobre as perspectivas econômicas para os Estados Unidos em 1999, Greenspan discorreu sobre a situação do restante do mundo. Segundo ele, o quadro é muito variado.

No Sudeste Asiático, a primeira região a experimentar perda de confiança do investidor, severa depreciação das moedas e profunda recessão, começa a haver sinais de estabilização e recuperação econômica. De acordo com ele, isto está ocorrendo sobretudo na Coreia e na Tailândia que desde o início, sob orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI), adotaram políticas corretas e promoveram refor-

mas estruturais necessárias.

Conforme Greenspan, a confiança do mercado foi recobrada, as moedas dos dois países recuperaram terreno e as taxas de juros caíram. Com persistência e mais reformas, diz o presidente do Fed, o futuro dessas economias é promissor.

Em outros mercados emergentes a situação não é tão encorajadora, na opinião dele. Neste grupo, Greenspan cita a Rússia e o Brasil. Os russos pediram moratória em agosto do ano passado, suspenderam as negociações com o FMI e agora estão às voltas com uma inflação anual de três dígitos. As perspectivas para a Rússia são preocupantes, disse Greenspan.

A crise brasileira veio à reboque da russa, explicou o presidente do Fed. Ao elevar as taxas de juros para tentar atrair os investidores já desconfiados da credibilidade dos mercados emergentes, o Brasil viu a atividade econômica piorar. Além disso, as altas taxas

de juros também tiveram impacto negativo nas contas públicas.

Com dificuldades para promover o ajuste fiscal, a confiança do mercado diminuiu ainda mais e as saídas de dólares continuaram, consumindo reservas internacionais. Ao final, relatou Greenspan, o governo brasileiro decidiu deixar flutuar o câmbio, que sofreu forte depreciação desde então. Segundo ele, o risco de contágio agora é pequeno, pois os investidores tiveram tempo para se preparar para a crise.

E a economia norte-americana? Os Estados Unidos continuam na ilha de prosperidade em meio à instabilidade mundial: inflação baixa, desemprego reduzido e crescimento sustentado. “O desempenho de nossa economia deve permanecer sólido este ano”, disse Greenspan, sem fechar as portas para subir os juros, se a inflação aumentar, ou baixá-los, se houver sinais de forte desaquecimento econômico.